

Repórter do Futuro #6- Jardim Romano

Toques: 5.304

## **NO LIMITE: Jardim Romano sofre com violência e falta de oportunidades aos jovens**

Caio Chagas e Marília Campos

DA REPORTAGEM LOCAL

No extremo leste da capital paulista, o distrito de Jardim Helena abriga o bairro Jardim Romano. A localidade, que faz divisa os municípios de Guarulhos e Itaquaquetuba, tem uma população próxima a 153,6 mil habitantes que sofrem diariamente com a violência, precariedade de serviços públicos, além da falta de oportunidade para os jovens que ali vivem. Para o gestor público Lucas Landin, morador da região, a falta de estrutura à educação move as demandas negativas geradas, sobretudo, na periferia.

“A segurança é ruim. A cada esquina tem um ponto de tráfico”, diz Lucimara Rosa de Souza, atendente de uma clínica odontológica na Rua Diogo da Costa Tavares, às margens da Estação Jardim Romano, na Linha 12-Safira da CPTM. Lucimara, que também reclama dos assaltos recorrentes, ainda se queixa da falta de preparo aos jovens- o que faz com que o filho realize um trajeto diário de mais de uma hora e meia até a Vergueiro, onde cursa a graduação de Comércio Exterior. “É muito difícil conseguir algum emprego por aqui”.

O cenário descrito pela atendente é o mesmo enfrentado por Helder Santos, 32 anos, em busca de emprego. “Para o jovem é muito difícil fugir do tráfico. Por aqui, existem apenas alguns poucos comércios locais para trabalhar”, disse. “A segurança daqui é péssima, como vemos em todas as periferias do país”, reclama conformado. Outro a se queixar da situação é o auxiliar de produção Anderson Carlos. Morador do Romano há 30 anos, hoje é pai e constrói a própria família. “Infelizmente é um bairro em que o tráfico é o nosso principal problema nas ruas”.

Dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP) apontam que, em 2017, 502 ocorrências de tráfico de drogas foram registradas nos três principais distritos policiais (DP) que atendem à demandando da localidade. Sendo 254 casos no DP Itaim Paulista; 165 no DP São Miguel Paulista e 83 no DP Jardim Noemia. Somados aos registros verificados em Itaquaquetuba, a região fechou o ano com 870 ocorrências de tráfico. Quanto aos roubos, de modo geral (exceto roubos de carros, bancos e cargas), a área teve 8,8 mil casos. Em 2018, entre janeiro e abril, já foram verificados 249 registros de tráfico e 2,8 mil roubos.

A reputação do bairro obrigou o aposentado Laureano Amorim a pagar segurança particular, para a ronda noturna na vizinhança, e também causa temor aos motoristas de aplicativo que evitam as viagens na região. “Quando os motoristas percebem que é para o Jardim Romano, cancelam a corrida. Eu tenho que tentar umas quatro vezes até conseguir”, diz a moradora Ester de Lima, adepta à tecnologia.

### **EDUCAÇÃO COMO SAÍDA À VIOLÊNCIA**

O gestor público Lucas Landin, formado pela UFABC, mora em Itaquaquetuba e realiza trajetos diários que passam pelo Jardim Romano. Conhecedor das precariedades apontadas, aposta na educação como ferramenta de transformação da realidade. De acordo com Landin, é

preciso entender que o Brasil ainda vive o 'boom' demográfico. Ou seja, quando há mais jovens, aptos ao trabalho, do que crianças e idosos. Contudo o país não tem investido, como se espera, em educação e capacitação profissional. "Ao invés de investir, estamos congelando investimento em educação no Brasil, por 20 anos", relembra a PEC do Teto, aprovada pelo Senado em dezembro de 2016.

A efetiva falta de oportunidades para o excedente populacional inibe qualquer chance de desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida em localidades como o Jardim Romano, onde o Centro Educacional Unificado (CEU) Córrego Três Pontes é o único e principal equipamento público voltado à educação e lazer. Em contrapartida, o déficit empregatício dá margem à ascensão da violência. "Estamos em 2018, em pleno capitalismo, e o jovem quer comprar tênis da Nike, quer o iPhone e ter o carro da melhor marca. Sem possibilidade de progredir dignamente, o tráfico oferece o caminho".

Para o gestor, a atual política de 'guerra às drogas' configura um modelo falido. "Esperamos que o jovem entre no tráfico para depois agirmos, enquanto isso deveria ser ao contrário. Quando temos a criminalidade que não é envolvida na atividade do tráfico, como o roubo, a gente pega esse jovem e joga na cadeia- e quem comanda as cadeias é o tráfico de drogas, principalmente em São Paulo".

O morador defende que o investimento na segurança pública, por meio da polícia, não é a melhor política de combate à criminalidade. "A gente coloca na polícia a culpa do Estado omissor na educação, na cultura, no emprego e na industrialização, como se o efetivo policial fosse o único meio de combate".

A rentabilidade do tráfico também seria, segundo Landin, um dos aspectos que dificultam a coibição da atividade nas periferias. "Na minha visão, a manutenção do tráfico é uma política pública do Estado. Acho que não há interesse em promover outro tipo de política, não tem interesse real em oferecer oportunidades porque muita gente lucra com o tráfico. São perguntas que temos que fazer: Quem lucra com o tráfico? Para onde vai o dinheiro do tráfico?", diz. "Os Estados Unidos e a Europa financiam iniciativas de combate, por meio da 'guerra às drogas', na América Latina. Mas o dinheiro do tráfico está lá nos bancos desses países. É preciso pontuar: Quem compra drogas? A periferia ou as pessoas da classe alta no Brasil e no exterior?".